

Cânticos às Mulheres da Terra
Reinadi Sampaio & Lopes de Sousa



Título: Cânticos às mulheres da Terra
Subtítulo: Mulheres deusas e musas
Volume I da Coleção: Cânticos a arrebatados amores
Autores:
Reinadi Sampaio e Lopes de Sousa
Ano: 2021
ISBN: 987-65-00-20803-0
Diagramação: Reinadi Sampaio
Revisão: Reinadi Sampaio, Runa e Hermes Peixoto
Filho
Telas: Capa e interiores:
Do artista plástico português Lopes de Sousa

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Sampaio, Reinadi
Cânticos às mulheres da terra : mulheres deusas e
musas / Reinadi Sampaio ; ilustração Lopes de Sousa.
-- 1. ed. -- Cruz das Almas, BA : Reinadi Sampaio,
2021. -- (Cânticos a arrebatados amores ; 1)

ISBN 978-65-00-20803-0

1. Artes visuais 2. Poesia brasileira I. Sousa,
Lopes de. II. Título III. Série.

21-62447

CDD-B869.1

Índices para catálogo sistemático:

1. Poesia : Literatura brasileira B869.1

Aline Grazielle Benitez - Bibliotecária - CRB-1/3129

Reinadi Sampaio
e
Lopes de Sousa



Cânticos às Mulheres da Terra



Volume 1 da Coleção
Cânticos a arrebatados amores



2021

Apresentação dos autores



Reinadi Sampaio (Eu Flor) –

Nasceu em 1951 e cresceu no sertão. Casou-se aos 22 anos e aos 49, mãe de cinco filhos, e avó de um neto e uma neta, enveredou-se pelos caminhos da academia. Neste intento, quanto mais percorria as normas dos espaços formais da ciência, mais se descobria nos espaços informais da educação. Quando em uma sala virtual de poesia portuguesa questionou sobre a diferença entre poesia e poema, reuniu as informações necessárias para sua primeira obra literária: o poema “Amálgama”, em 12/05/2003. Desde então, publicou livros, transcreveu seus escritos para as cores das telas, fez exposições no Brasil e em Portugal participou de várias exposições com os seus versos, em composição com as telas do artista plástico, português, Lopes de Sousa. A sertaneja, mãe e avó, se reinventou para reexistir. Renasceu poetisa, autodenominou-se “Eufior” e hoje, ocupa uma das cadeiras da Academia Cruzalmense de Letras, a convite do Acadêmicos Hermes Peixoto.



Lopes de Sousa (Carlos) –

Natural de Aveiro, Portugal. Frequentou o Instituto Universal Brasileiro-Pintura-anos 70. Dedicou-se exclusivamente à pintura desde o ano de 1975.

Prefácio

Recebi de Reinadi Sampaio o convite para escrever este prefácio que você começa a ler como parte introdutória do livro “*Cânticos às Mulheres da Terra*”, volume 1 da Coleção “*Cânticos a Arrebatados Amores*”. O livro está dividido em dois cantos. No primeiro a autora consegue invadir com força inquebrantável a alma do leitor, pois mesmo usando quinze quadras, cada uma significando uma trova, ela exalta individualmente nove musas da mitologia grega, filhas de Zeus e Mnemósine. Essas trovas ilustraram um catálogo lítero-pictórico que apresentou as telas de Lopes de Sousa, em comemoração aos 45 anos de arte, do ilustre pintor português, residente em Aveiro, Portugal.

No segundo Canto, Reinadi Sampaio apresenta de forma avassaladora cinco coroas de sonetos. Para quem não conhece, ‘*coroa de sonetos*’ é uma forma poética de imensa complexidade, composta de 14 sonetos que têm ligação entre si, cujos primeiros e últimos versos tiveram sua origem no soneto-síntese – o soneto 15. E, assim, continuando a sua homenagem às deusas mitológicas gregas, de forma harmoniosa, a autora enaltece a beleza, registra o poder feminino, ora emprestando cores poderosas às deusas da mitologia grega, seus traços graciosos sua beleza de musas, ora ela configura as deusas mulheres de agora, poderosas ou frágeis, jubilosas ou simples, mocinhas mitológicas mortais, gestando em lindas barrigas humanas, o encanto do Recôncavo ou a pujança do Sertão.

Ou em paisagens que mais parecem um paraíso-olimpico-português, retiradas pelo pintor dos campos floridos de Aveiro, ou dos seus misteriosos e coloridos canais. E de mãos dadas, as musas de ontem e as musas de hoje cirandeiavam nos seus versos em paisagens que misturam realidade e ficção, cantando cantigas de roda, libertárias.

O segundo Canto continua com mais quatro coroas de sonetos: A primeira Coroa dessa sequência é “*Não Somos Mais Deles Prisioneiros (Pele Alva Sangue Rubro a Alma Rega)*” nos fala do sofrimento, das injustiças, humilhações e maldades que as irmãs e os irmãos escravizados sofreram, encerrando os últimos versos do último soneto com um sutil e contestatório grito de liberdade: *Corações bombardeados de incerteza..., Brancos, olhos azuis..., ‘falsoArianos’ Não mais – somos –, deles prisioneiros.* As duas coroas seguintes são derramadas de lirismo e emoção: Na terceira coroa de sonetos, “*Se Teus Lábios... {Nos Meus lábios, naufragassem...}*” a autora transforma-se em flor, mas não caminha só e viaja na companhia de desejos inconfessos em busca de um amor, todo ele cheio de arroubos e sutilezas. A quarta coroa de sonetos, “*Viver O Futuro Nas Mãos Do Coração {Eu Flor-Caminho só}*”, Reinadi se entrega totalmente ao seu mundo íntimo e devaneia, e brinca, como se uma alma debutante afluísse da mulher que insiste em caminhar só, para povoar o seu encanto com um mundo repleto de sonhos e emoções, somente dela: E, Euflorescida: “*olhos postos em ti*”. / *Atropelávamo-nos em nossos pensamentos... / E o pensamento torturado de emoção. / Falavas... Questionavas...*

E eu te prometi / Na cadência dos teus sentimentos / Viver o futuro nas mãos do coração.

Na última coroa, fechando o ciclo, a autora que, na primeira inicia pregando a liberdade concreta dos escravizados, encerra com um grito libertário imenso e, transformando-se em aranha Anansi, incorpora uma revolta imensa e rebela-se contra os preconceitos e violências sofridas pelas mulheres, ante os mistérios do amor. Duela com um escorpião numa luta de imensa beleza e, num final libertário para a mulher flor e força, se fortalece a cada verso, torna-se imponente a cada soneto, explode em mil cores num final arrebatador.

Ao chegar a este ponto da leitura eu estava tomado de tamanha emoção que senti medo de que tudo que eu já tinha escrito – isso que você está lendo –, não estivesse à altura de tantas grandezas e dificuldades literárias.

Não sabia o que fazer com aquela estrela, de versos cadentes e brilhantes, que viajou num céu de cores para cair no meu colo. Levei mais de uma semana lendo e relendo este prefácio. Em uma dessas releituras uns versos me tranquilizaram. Eles diziam que:

“...Reza a história às musas evocar/ Que conferem ao bardo, encanto / Outorga-lhe o dom do canto...”

Então, pensei-me bardo e deixei que elas dançassem em minhas mãos; juntei poesia e pinturas e consegui a magia de vê-las saindo das telas em forma de algas, verdes, azuis vermelhas, colhidas nos canais de Aveiro e reconstituídas nas paredes de um então colorido barco moliceiro que nos conduzia como gôndola apaixonada. Naquela viagem, os versos de Reinadi se misturaram aos de Polímnia e Erato numa canção que Calíope e Clio cantaram como sereias.

Ao meu lado Terpsicore dançava e cobria-me com as irônicas e festivas máscaras de Tália e tirando-me para dançar, juntamo-nos a Euterpe, Melpômene e Urania e fizemos um carnaval *art nouveau*.

Em alguns daqueles edifícios coloridos aconteciam as exposições de Lopes de Sousa. E era para lá que nós iríamos, viajando nas páginas deste livro maravilhoso. Lá iríamos nos reunir a mulheres, deusas, musas, poetisas, as coroas flutuassem comigo e que elas me coroassem, me enlevassem e assim, coroado e enlevado, dançasse eu com as mil musas retratadas, ainda que eu estivesse marcado pelas chibatadas luminosas dos versos negros.

E assim, gloriosamente poemizado consegui trazer todos os versos para dentro deste prefácio audacioso.

E o que restou? Ideias. Ideias?! Sim, ideias, porque longe das alegorias míticas daquelas poderosas “Mulheres Deusas” de ontem, as Mulheres Deusas de Reinadi Sampaio têm pretensões e objetivos semelhantes. Sem deixar de serem filhas de Zeus e Mnemósine, ainda que ornadas de *grinaldas-louro*, seja na mitologia grega ou na mitologia de um novo tempo, sejam as do Museion no Monte Olimpo, ou as dos altiplanos do recôncavo ou do sertão, todas paridas da mãe Gaia, matriarca da natureza, que exige igualdade para tudo que é seu, sejam as mulheres românticas que esperam que lábios..., nos seus lábios naufraguem ou mulheres sonhadoras que vivem o futuro nas mãos do coração, que sejam mulheres *Anansis*, poderosas e femininas, todas essas “Mulheres Deusas” lutam desesperadamente para reconstruírem os seus poderes.



Não só de cantar e dançar, ou sonhar e amar,
mas, e principalmente, lutar pelos seus direitos.

“Quem dera apenas, não sermos aparência...
Frente ao olhar frívolo que nos viu e vê...
Quando a luz incidir em nosso “ser”
Quem nos dera sermos..., em tudo essência...

Agora, navegar é preciso. Boa viagem.



Hermes Peixoto¹
Cruz das Almas, Bahia, Brasil
23 de dezembro de 2020.

¹ **Hermes Peixoto** é escritor, poeta, agrônomo, membro da Academia de Letras do Recôncavo, Membro da Academia Cruzalmense de Letras. Ao lado de Reinadi Sampaio, é Editor responsável da revista literária Reflexos de Universos.

Cântico Primeiro



**Às Musas de Lopes de Sousa
– Mulheres Emblemáticas –**

